

SACRILÉGIOS CONTEMPORÂNEOS

Nicollas Cayann¹

SCARPARI, Olivia. *Nude*. Cotia: Urutau (Hecatombe), 2022. 50 p.

Olivia Scarpari é uma jovem escritora gaúcha que debuta no cenário nacional ao mesmo tempo em que a sociedade toma os primeiros passos pós-pandêmicos. Moradora do inusitado eixo Santa Maria x Curitiba, a doutoranda da Universidade do Paraná desenvolve sua tese na condição de análise das traduções de ensaios de personagens célebres e anônimos. Além de se interessar por viagens e por literatura de autoria feminina, Scarpari aproveita a oportunidade de seu livro de estreia para revelar outro interesse seu: os sacrilégios contemporâneos, as profanidades modernas, que as relações sociais vêm desenvolvendo.

Conhecida nacionalmente por ser a terra do “xis” (iguaria gaúcha) e regionalmente, em seus tempos áureos, como “cidade cultura”, a cidade de Santa Maria é hoje um polo universitário. Uma das maiores universidades gaúchas encontra-se em Santa Maria, e, portanto, a cidade vive também do fluxo universitário. A cidade que leva nome de santa é bastante religiosa, além de possuir vários templos; nela são comemorados diferentes eventos festivos relacionados à fé católica. Todo esse aparato religioso é também impresso nos processos sociais da localidade. Há um número expressivo de comércios, associações, fundações e escolas com nome de santa. Rodeada por todas essas referências religiosas, nasce uma escritora profana.

Virginia Woolf, em seus ensaios, diz que não há período literário menos dominado pelas amarras sociais do que aquele em que vivemos. Woolf ainda diz que “a voz dos vivos é a que melhor compreendemos” (WOOLF, 2017, p. 14). A escrita

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas (ÚFPel). E-mail: nicollascayann@gmail.com

de autores contemporâneos tem um frescor diferente, temas atuais, debates que requerem o imediato, a leitura do agora. A leitura de *Nude* (2022) é um momento para deixar os imortais de lado, a leitura do contemporâneo é o lugar em que se busca “saber o que a nossa geração está pensando” (WOOLF, 2017, p. 13), no caso desse livro de Scarpari, o leitor vai ao encontro de personagens de 30 e poucos que tiveram infância/adolescência entre o final dos anos 1980 e dos anos 1990. Woolf ainda pontua sobre o contemporâneo:

O que os homens e mulheres vivos sentem, como são suas casas e que roupas eles usam, quanto dinheiro eles têm e o que comem, o que amam e odeiam, o que veem no mundo ao seu redor, e qual é o sonho que preenche os espaços de suas vidas? Eles nos contam tudo isso em seus livros. Enquanto tivermos olhos, podemos ver neles a mente e o corpo de nosso tempo (WOOLF, 2017, p. 13).

É nessa angústia contemporânea que surge a escrita de Scarpari. Publicada recentemente sob o selo político *Hecatombe* da ibérica e internacional editora *Urutau* (com distribuição no Brasil, Portugal e Galícia), a coleção *Jiripoca* foi feita através de uma chamada interessante na busca de produções de literatura erótica de qualquer gênero literário. Dentre os volumes selecionados encontram-se títulos como: *A mulher em chamas* (SIQUEIRA, 2022); *O clitóris de Safo* (PRUDÊNCIO, 2022); é claro, *Nude* de Olivia Scarpari (2022), livro através do qual se veem a mente e o corpo (em detalhes) de personagens contemporâneas. Scarpari presenteia seus leitores com um livro de putaria. Um delicado livro erótico que, ademais de ser bem escrito, é bem curado, e bem peneirado. A autora abre o livro com uma citação autoexplicativa de seu texto:

Porque eu ouvi também o Lalau dizer pro papai que não era pra ele escrever um calhamaço de putaria (desculpe, mas foi o Lalau que disse), que tinha que ser médio, nem muito nem pouco demais, que era preciso ter o que ele chamou de critério, aí o papai mandou ele a puta que pariu (HILST, 1992, p.16).

Essa curta coletânea de cinco contos começa com o título “Limite Rígido”, conto de abertura com um tom de gênese. A primeira personagem faz uma recapitulação erótica da infância e adolescência e de como fazia surubas com suas bonecas. Comenta também do tesão que sentia ao ver certos personagens de desenho animado, He-Man, por exemplo (fato que se enquadra em um tipo de fetiche cada vez mais popular – fictossexualidade):

[...] Ele era gostoso pra caralho, te lembra? O peitoral e o maxilar, uma cara de homem... as coxas e a sunguinha que deixava o pau aparecendo, aquela performance de masculinidade que a gente compra desde pequena como a única possível pra se excitar (SCARPARI, 2022, p. 15).

Na sequência, são apresentados ícones imagéticos da sexualidade brasileira dos anos 1980 e 1990. Como exemplo, a versão “peluda” (SCARPARI, 2022, p. 16) de Cláudia Ohana (*PlayBoy* de 1984, nos Estados Unidos, e posteriormente no Brasil, em 1985). Essa imagem de Cláudia Ohana (atriz global) circulou e circula no imaginário sexual de muitos brasileiros. Outra menção interessante é à Mari Alexandre, considerada a “*pin up* mais sexy do Brasil”, que concedeu uma entrevista “apetitosa” à revista *Sexy* na segunda edição de 1997. Esses referenciais sexuais são de extrema importância para o encaixe, mais tarde, dos outros contos. O que a autora propõe é uma reflexão de como nasce e se instiga a sexualidade de suas personagens ao mesmo tempo que oferece exemplos de algumas avenidas que a sexualidade de uma época tomou.

O texto de Scarpari é também instrumental, a autora se preocupa em instruir o leitor sobre os termos sexuais do momento. Assim como sua primeira personagem, desde pequena, fazia suruba de barbies sem ter acesso à terminologia “suruba”, o texto prevê que muito do vocabulário existente nos contos pode ser novo para muitos leitores, mas isso não quer dizer que as práticas sejam novidade em si:

Ah, aliás, tu deveria muito fazer aquele teste do *Fetlife* pra saber as tuas percentagens de *role play* no BDSM. São os papéis que tu prefere interpretar: ser escrava ou mestra? Dominadora ou submissa? Tem gente que gosta de ser os dois, sabia? Tem tesão por exibicionismo ou por ser voyeur? Por se fazer de mãe ou de filha? É ótimo pra gente se conhecer mais (SCARPARI, 2022, p. 19).

O livro tem como fonte de inspiração áudios sensuais em aplicativos de mensagem automática, sexofone, vídeos, fotos e todos os recursos do moderno ato profano, mas tudo isso em formato descritivo, o movimento é através da palavra. A escritora se preocupa em envolver o leitor na trama. A abertura do livro, feita pela antropóloga Raíra Bohrer, deixa a desejar, não fazendo jus à escrita do livro. Esse prefácio é chamado de *rapidinha* e diz que os contos que compõem o livro são “Quase uma transa entre a autora e quem lê” (BOHRER, 2022, p. 12); discordo de tal afirmação, a perspectiva do leitor não é de participação do coito. O que Olivia Scarpari oferece é uma conversa entre amigos, pós-coito. Entre as personagens e o leitor se estabelece um diálogo no qual se tem a troca de experiência da amiga que viveu a cena e da pessoa que lê o texto:

Ele chegou em ponto e super *tammer*. Veio de calça de couro, blusa preta de manga comprida, cheio de ferramentas, algemas, um tipo de chicote que eu não tinha em casa, que nem aquele clássico... o de açoite, sabe? Não, não aquele tipo relho (SCARPARI, 2022, p. 21).

Woolf (2017) diz inclusive que os escritores contemporâneos conseguem prever até mesmo os anseios e dúvidas de seus leitores, e Olivia faz exatamente isso:

Ele finalmente meteu na minha buceta, que era pra deixar o rabo peludo no meu cu. Bom, na hora que ele quis, daí ele tirou o plug e me enrabou.

Capaz... não doeu nada, eu fiquei excitada demais [...] eu abdicar total do controle, e aí que tá o prazer da história (SCARPARI, 2022, p. 22).

Como se nota na passagem anterior, o texto de Scarpari é também repleto de obscenidades diretas, sem papas na língua, algumas passagens ultrapassam o erótico e cotejam o pornográfico:

É isso mesmo que você leu, Felipe. Queria estar agora com a minha buceta na sua cara, os lábios muito apertados entre as minhas pernas, no ângulo perfeito pra você me abocanhar por trás. Você não desgruda a língua do meu clitóris inchado e me chupa demorado até deslizar pro meu cu e passar um bom tempo ali, daquele jeito que só você sabe fazer, do mesmo jeito que você me chupou quando estacionou o carro algumas quadras antes de me deixar no trabalho só pra me lamber todinha menstruada, no banco do carona (SCARPARI, 2022, p. 43).

Além disso, comento haver um *je ne sais quoi* na escrita de Scarpari que faz eco à escrita de Caio Fernando Abreu. Em *Os Dragões não conhecem o paraíso* (ABREU, 1988), o autor descreve experiências românticas e sexuais ligadas a personagens de sexualidade dispatada (*gays* e *travestis*, por exemplo). Olivia Scarpari lida com vozes de mulheres de sexualidade dispatada, isso é, vozes de mulher com desejos que fogem ao corriqueiro do famoso “papai e mamãe” (*missionary*). Dentre os diversos fetiches e experiências expostos pelas personagens de Olivia Scarpari, se entende que um dos maiores motivadores da sexualidade dessas vozes é a disposição. Do *ménage à trois* com o casal de amigos ao *plug* de raposa enfiado no traseiro de uma personagem, se tem a ideia de que essas vozes estão dispostas a tudo pelo prazer. Mas não é verdade, o livro também propõe refletir sobre os limites dessas investidas sexuais:

[...] Não é que daí ele me vem com uma história de que os dois candidatos eram ruins, mas que tinha votado no menos pior? Amiga, depois que eu pressionei, ele disse que tinha votado no Bolsonaro. Sim! Mas o pior eu não contei: comecei a escarafunchar a caixa de Pandora da cabeça daquele homem, e aí que ele me diz que também acreditava que a Terra era plana. Um TER-RA-PLA-NIS-TA! Acredita? Sádico e terraplanista! [...] Acabei dizendo que era limite rígido e que era melhor ele ir embora [...] Não dá pra aceitar tudo não (SCARPARI, 2022, p. 23-24).

Scarpari escreve sobre os desdobramentos do prazer moderno. Gozar pelo WhatsApp, se excitar pela rede social, interagir pelo aplicativo e até mesmo o encontro casual de frente para câmera do amigo que namora a *millennial* bonita. As sexualidades contemporâneas que a autora descreve, ou como menciona no

livro, as putarias que relata, são vividas por diferentes personagens que usam o mesmo recurso de conversa de bar com um(a) amigo(a) (leitor/a), dando a impressão de que o leitor tem um interessante grupo de amigos que serve também como suporte para explorar as sexualidades disparatadas respeitando os limites rígidos de cada um.

Referências

ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BOHRER, Raíra. *Rapidinha*. In: SCARPARI, Olivia. *Nude*. Cotia: Urutau (Hecatombe), 2022.

HILST, Hilda. *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Editora Globo, 1992.

PRUDÊNCIO, Léo. *O clitóris de Safo*. Cotia: Urutau (Hecatombe), 2022.

SCARPARI, Olivia. *Nude*. Cotia: Urutau (Hecatombe), 2022.

SIQUEIRA, Marcos da Cruz Alves. *Uma mulher em chamas*. Cotia: Urutau (Hecatombe), 2022.

WOOLF, Virginia. *Uma leitora incomum*. Curitiba: Arte & Letra, 2017 (tradução de Emanuela Siqueira).